

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º*	Semest. 18 n.º*	Trim. 9 n.º*	N.º à entrega	19.º Anno — XIX Volume — N.º 647	Redacção — Atelier de gravura — Administração
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120	15 DE DEZEMBRO DE 1896	Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

Lugubres as ultimas novidades. Naufragios e mortes. O temporal levou por sobre as ondas revoltas gritos d'orphãos e viuvas, amaldiçoando o mar traidor, sepulchro sem cruz de quem fóra pedir-lhe a vida.

Inundaram-se os campos.

Cai a chuva em furiosas bategas, chicoteando as vidraças. Pelas ruas lamacentas rodam surdamente carruagens apressadas. Sibilla a ventania. Zinem em triste melopéa os arames emmarañados dos telephones. Parecem gritos desesperados d'almas perdidas pelo ar, na treva. E, se a lua espreita entre as nuvens um instante, brillham intensamente como arestas prateadas as cumieiras humidas dos telhados. Vão cheias as valletas d'agua barrenta, que as sargentas bebem ás golfadas. E a chuva cai, cai sempre, triste, triste.

As noites são longas, e a chuva a cahir, a cahir sempre!

Abençoados os que nos veem encurtar as horas do serão.

Cai a chuva lá fóra. É bom ouvil-a cahir.

Duas boas visitas tivemos, ha pouco tempo, no mesmo dia; dois livros de versos. E' o primeiro d'um poeta novo, um novo amigo, e o ultimo, diz elle mas não acreditamos, d'um velho amigo, poeta velho.

Apenas folheado, no LIVRO DO MONTE deparou-se-nos a mocidade encantadora de Bulhão Pato, cheia de ideaes, bebada de luz, de perfumes, do bom ar d'esses montes, dos cantos matutinos das aves, que chilreiam pairando muito alto, muito alto, manchas escuras, quasi imperceptiveis, no profundo céu de abril.

*Tudo passou!... Que importa? Eu tenho a mocidade!
Dão-me sempre uma aurora as auras da saudade!*

Gonçalves Cerejeira, o autor das CINZAS, é um rapaz de vinte annos, quartanista de direito. Subtitulo do livro: VERSOS DA MOCIDADE. Um bello retrato acompanha o volume. Olhar que scisma. Perfil de inexcedivel correção. Nenhuma assymetria que denote um desequilibrio. O cabello liso sobre a fronte vasta, bem modelada. Um ar de tristeza vaga, mas serena.

Como epigraphe estas poucas sentidissimas linhas da MENINA E MOÇA:

«Se em algum tempo se achar este livrinho de pessoas alegres, não o leam: que, porventura, parecendo-lhe que seus casos serão mudaveis, como os aqui contados, o seu prazer lhe será menos prazer. Isto, onde eu estivesse, me doeria; porque assaz bastava eu nacer pera minhas maguas, e não ainda pera as d'outrem.

Os tristes o poderão ler...

.....
Pera uma só pessoa podia elle ser.»

O poeta queixa-se d'este fim de seculo em que veio a desabrochar sua juventude, d'este meio deprimente e morbido em que os temperamentos es-

theticos e as almas delicadas começam a envelhecer ao nascer-do sol da Vida.

E enquanto Bulhão Pato, á beira dos setenta annos, se ergue pela manhãzinha, assobia á cadella, e vai, de espingarda ao hombro, pelos cabeços atraz dos perdigotos, pelos pinhaes á espera das gallinholas, pela lezira em busca das codornizes, e pede no inverno da vida a inspiração á primavera, um moço de vinte annos, a quem devem sorrir as fadas, para quem os olhos das tricanas teem luz como as constellações do sul e os rouxinoes dos salgueiraes trilos como as harpas dos anjos, queixa-se de já ter palpado o vasio do mundo, o nada illusionista da Vida!

É cheio de lagrimas, parecendo inspirado n'uma phrase de Shopenhauer, o soneto que elle intitulou

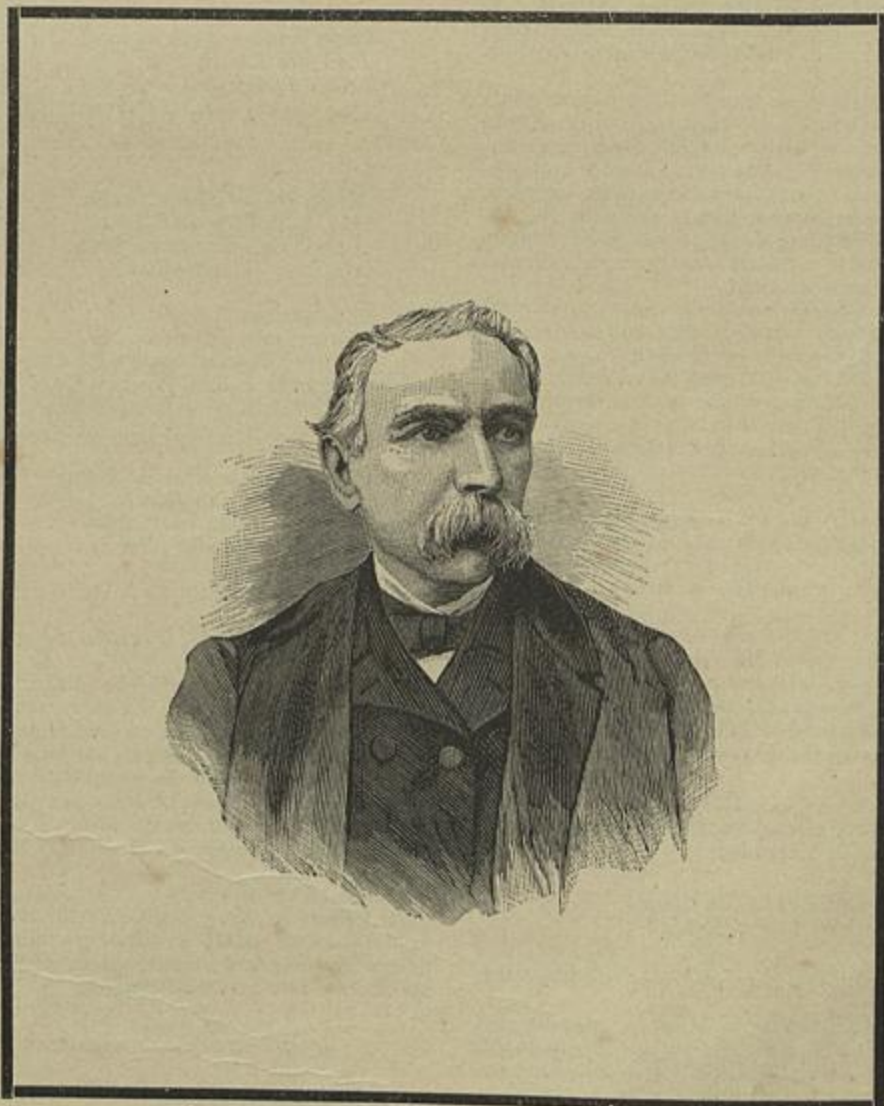
CORAÇÃO VIUVO

*Coração! chora, chora na aridez
Do estuoso deserto do meu peito,
Como uma mãe que chora, junto ao leito,
O filho morto... e o chama a ultima vez...*

*Chora até esqueceres a viuvez
D'esse sonho de amor... sonho desfeito,
Que tantas esperanças tinha feito
Brotar—oasis em flôr—sob um «Talvez!...»*

*Hoje, que o Desengano torvo e escuro
Empanou para sempre o teu futuro...
Hoje abandona os vãos da anciedade...*

*Descansa! Dorme o somno das creanças...
Que talvez o viver sem esperanças
Seja a tua maior Felicidade!...*



DR. ANTONIO XAVIER RODRIGUES CORDEIRO

FALLECIDO EM 11 DO CORRENTE

Já disia Amadis de Gaula na tragicomedia de Gil Vicente:

*Que la salud de los perdidos
Es no esperar por ella.*

O soneto de Gonçalves Cerejeira é inegavelmente uma obra de poeta, que sabe sentir, analisar seu sentimento, defini-lo, transmiti-lo aos outros. E, porque me parece sincero e porque essa maneira de pensar a vejo confirmada em outras bellas poesias do volume, fez-me scismar o contraste com os dois versos que citei de Bulhão Pato.

Outro livro com o mesmo titulo — CINZAS — sahio ha pouco dos prelos; Julio Dantas escreveu o NADA; Martinho Brederode A CHARNECA; todos mais ou menos procurando definir um mesmo estado morbido da alma, o martyrio d'uma vida, a angustia d'um pesadêlo, a desesperança como um bem.

Diz Gonçalves Cerejeira em nota preambular: «Assim a vida de hoje revela-se na Arte por um outomnismo vespéral, vago e nostalgico, nevrotizado de ancias e paixões aziagas e presagos receios e terrores do Além, na duvida do Sobrenatural, como sobre um grande lago côr de chumbo, de inavistaveis margens, onde singra a escuna ideal em que embarcados vamos, sob um seu livido e impassivel, temeroso de tempestade!»

Se é certo que os poetas fallam por todos seus contemporaneos, que as rimas são como cristases brilhantissimos em que se condensam as lagrimas que escorrem por faces macilentas, os perfumes dos risos que desabroçam em labios purpurinos, os miasmas que saem de bocas estoradas, se algum dia, pelos poetas, alguém quizer conhecer do tempo em que vivemos, a quem deitará culpas de tanta descrença, de tanta desesperança? Ha de folhear-os a todos e só ler misereres.

Vivemos n'um tempo de decadencia, de histericos anseios por qualquer coisa que ha de vir, n'um vago sebastianismo que nos não traz conforto.

Confesso a minha doença, a minha paixão por toda a arte de decadencia. Li, reli vinte vezes, o prologo de Gautier ás FLORES DO MAL. Como é bello e como elle tem razão!

Entretanto, de quando em quando, faz bem uma golfada d'ar puro, abrir a janella e encher os pulmões!

Folheio o LIVRO DO MONTE e logo na segunda pagina do prologo, eis-me em plena natureza! Que bella descripção da arvore, esbelta, fresca, fragrante, a nossa confidente que tem alma para comprehender a nossa e nos ouve em silencio estatico, de dia, com seus braços que se acurvam, dándonos sombra, de noite agitando a coma com murmúrios languidos e fazendo-nos parecer cadentes as estrellas todas no céu!

E pelo livro fóra o poeta vai cantando as estações; os campos matizados por onde correm as lebres; as charneças, os pinheiraes, os pomares, as searas. Em tudo põe alma. As estrellas são os olhos do céu, as flores os sorrisos da terra.

Descreve-nos a vida dos campos e do mar em pequeninas telas desenhadas a largos traços, de colorido exactissimo.

*Parece que, rompendo o sol na immensidade,
Rompe dentro de mim o sol da mocidade!*

Que frescura n'aquelles quadros das RAPARIGAS A' MONDA!

*Vamos á monda! Maio florido
Dá-nos papoilas e pouco sol.
Vamos á monda! Prestem ouvido,
Olhem o melrro! ... Forte atrevido!
Ri das lamurias do rouxinol!*

Que linda a VIVA DA COSTA! Vem a cachopa subindo a pino o almaraz, de cestinha avergada, com a sardinha ainda saltando.

*Sardinha frêscia! ... da Costa!
Viva da Costa! ... frêsquia!*

Que lindo motivo para um pedaço de boa musica portugueza!

As georgicas são uma serie de quadros qual d'elles mais bello, mais perfumado pelo rosmaninho, alecrim, mentrasto, estava, aromas que sobem lentamente nas madrugadas ao sol benéfico.

E, pelo campo, logo de manhã cedo, cantam a desgarrada as cachopitas:

*Estrella da madrugada,
Ai! como és bella!*

*Quem na terra não tem nada,
É bem que tenha uma estrella
No fundo azul da alvorada!*

Leio o meu nome no livro de Bulhão Pato. Parece-me vel-o como coroado de flôres! Que alegria n'aquellas paginas como resalta viva do fundo escuro, aqui ou ali esboçado em tinta diluida em lagrimas!

*Sonhar, sonhar, sonhar! ... Não ha senão sonhar
Co'as coisas ideaes! — a peste é o despertar! —
Sonha o bronze tambem, saudando os desposados:
Acorda! e dobra... E dobra o dobre dos finados!*

Nas CINZAS ha tambem lindissimas paizagens, mas nos negros pinhaes elegiacos abrigam-se almas errantes de condemnados.

*Calae os vossos sons de alahudes,
Pinhaes em prestito, sepulchraes!*

Que bons madeiros para athaúdes!

*Quando eu morrer, na hora derradeira
Hei de ir vestido d'essa madeira!...*

Amortalhae me, negros pinhaes!...

O velho poeta canta ainda amores como saudades, o novo o Amor como esperança.

*Meu rosario de estrellas! ... A Alma o resa
— Santa da Lenda á espera do San Graal...
Poeta! Romeiro, ajoelha ante a Ara accesa!
Vae caminho do Amor, olhos no Ideal!...*

Nos CANTARES, em que mais uma vez nos apparece, inspiradora, a alma do Hylario, a quem o poeta se dedica, ha quadras sentidas, vehementes de ternura, em que palpita um coração de vinte annos.

*Ceu de estrellas infinito...
Mira se a lua nas aguas
Como a fronte d'um proscripto
Que ande errante a carpir maguas...*

*Meus Sonhos voam ligeiros
Pela Via-Lactea fóra
Como audazes mensageiros
Que vão em busca da aurora...*

*Vendo o luar a gente cuida
Que no ceu alguma bilha
Anda a entornar prata fluida,
Aljofares de escumilha.*

*A tua escumilha rola
Aos grumos pelos telhados.
O luar! tu és a estola
Que anda a abençoar noivados!*

*Cega-me esse olhar de fada
De noite de San João...
E's a moirinha encantada
Que encantou meu coração!*

Fale agora Boileau:

Fuyez le naturel, il revient au galop.

Amores! Tão longe um do outro, tão diferentes na idade, no genio, na expressão do sentimento, o mesmo laço azul os prende a um mesmo ideal, que esse laço se chama saudade ou que se chama esperança, que se evoque o passado ou se almeje pelo futuro. O sol tinge das mesmas côres o céu ao despontar da aurora e ao esmorecer do dia, a Estrella da Manhã é a Venus Vespertina.

Mas se entre todas as poesias de Bulhão Pato uma tenho de citar, que mais fundamente me impressionasse pela encantadora simplicidade, pela suavissima melancolia, quero aqui transcrever inteiro esse madrigal funebre,

SORRISO D'ALÉM TUMULO

*Quando saia
Para a janella voltava o rosto
É sempre a via!...
Com quanto gosto
Quanta alegria,
Eu lhe acenava e ella sorria!...*

*Deserta sempre, agora, a janella,
Por mais que os olhos volva para ella!...*

*Ao cemiterio vou procural-a...
Quem ama espera por nós na valla!*

*Quem no meu berço me beijou tanto,
Ha de abraçar-me no Campo Santo!*

*Sob as violetas do chão que adoro,
Eil-a a sorrir me!... porém eu choro!*

Se eu conheci tão bem aquella dulcissima velhinha, de perfil aristocratico, mãos de princeza, nervosas e delgadas, como feitas para acariciar cabecinhas d'anjos! Os cabellinhos brancos alisados sob a touca eram moldura d'uma fronte em que pensamentos pungitivos não vincaram uma só ruga. A velhice adornára lhe o rosto de santa suavidade; na boquinha que lhe fugia para dentro desenhára lhe em prégas um sorriso beato.

Tambem eu algumas vezes vi a essa janella a santa velhinha. Iamos nós pela estrada fóra, caminho da Casa das Bruxas, junto áquelles olmeiros onde cantam em abril os rouxinoes. E o seu olhar, a que a idade amortecéra a luz, seguia constante, com maternal affecto, o irmão muito mais novo, que lhe déra na vida as suas maiores glorias, que lhe fizera ter sonhos côr de rosa, e o coração vibrar em suavissimas harmonias, unisono com as cordas mais intimas e secretas d'um coração de poeta que sentiu e em que resoaram todas as notas das alegrias e das maguas.

Era um quadro esse namoro dos dois velhos, um quadro santo! Vê-lo fazia bem á alma, e, só de recordal-o, sinto a minha toda perfumada!

Quando o meu querido poeta das CINZAS voltar á sua aldeia, que tão bem descreve no prefacio do *Regresso aos Simples*, procure esse tal cantinho, a sombra da nogueira centenaria de engeilhados braços. Devem n'ella cantar os rouxinoes. Escute-os, enquanto o banha o luar que fulgura no olhar d'essa morena decantada, que o ha de vestir da graça, que do Céu lhe vem.

Oiça ainda o Bulhão Pato:

RAPAZES!...

*Tantas tristezas, rapazes!
Em vós sempre a noi'e escura?
Não deis de mão á ventura!*

*Essas angustias de agora —
Vê-lo heis em breve, rapazes —
Sam beijos, brijos da aurora...*

*Com um pico de amargura
Que vale mais que a ventura!...*

*Guardae o travo, guardae,
Na memoria dos sentidos!...
Que o mal que vos traz pungidos,
E que maldizeis agora,
Quando toda a luz se esvae,
Inda, ao sol posto, é aurora.*

João da Camara.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES CORDEIRO

Morreu um poeta de raça, que, nos ultimos annos, estava curtindo suas tristezas, em desolada viuvez, na sua thebaida das Córtes em Leiria, terra onde nascera e que sempre lhe mereceu a maior affeição.

Para falar d'este poeta, que a geração de hoje quasi desconhece, nada encontramos de melhor do que a biographia que Thomaz Ribeiro escreveu no livro de versos — *Esparsas* — do fallecido poeta.

E' essa biographia que com a devida venia transcrevemos em parte:

Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro nasceu na risonha aldeia das Córtes, proximo de Leiria, a 23 de dezembro de 1819 no mesmo dia em que nascera Filinto Elysio. Dizia sua mãe que o manso e cristalino rio de Rodrigues Lobo, o bucolico poeta, compatriota de Rodrigues Cordeiro, o manso Liz, rugia intumecido n'aquella madrugada de 23 de dezembro, á porta da sua habitação, como se quizesse entrar por ella dentro.

Costumavam os antigos apurar por diversos modos o horoscopo dos homens que por qualquer circumstancia mereciam quando menos, re-

gisto na historia. O signo sob cuja influencia se entrava no mundo, a hora do nascimento, as circumstancias do logar e do tempo, eram elementos de calculo para conhecimento da sina e determinações de futuros. Que diria nigromante ou fada, ácerca da indole e da sorte de Cordeiro, calculando sobre a tempestuosa noite de 23 do frio dezembro e do encapellado e enfurecido rio, que lhe investia com o berço, se os chamassem para verem e fadarem o recém-nascido? Frio tenebroso e cruel, o faria talvez o ledor do seu horoscopo. Visto e apreciado agora, a esta distancia do berço, o adivinho só diria que no meio d'aquella tormenta apparecia o iris da bonança. E, bem pensado, pode asseverar-se que nem aquelle formoso valle é para trevas ou invernia, nem aquelle risonho Liz é para carrancas. Lembrou-se de empinar-se e de lhe bater á porta para brincar com a creança. Queria baptisar o poeta para mais lhe captivar a lira e lhe merecer os versos. Dezembro, que tem visto grandes nascimentos, quiz mais uma vez rir-se de abril, e desfazer nas suas vaidades d'alfenim.

A casa onde nasceu Rodrigues Cordeiro não é a mesma em que hoje vive, toda levantada e construída sob a sua direcção. Seu pai chamava-se Joaquim Nicolau Rodrigues Cordeiro. Era lavrador e pequeno proprietario, d'ali oriundo, e filho de paes de mediana abastança. Sua mãe era a senhora D. Maria José Xavier da Natividade. Conheci ainda esta notabilissima senhora, na sua velhice serena, cheia de graça e de bondade, intelligenteissima, forte, amante e apreciadora do seu querido filho; magnanima, formosissima, da formosura sagrada e veneranda que só na velhice se encontra. Dama romana, no aspecto, com as virtudes de Sparta.

A senhora D. Maria José Xavier da Natividade era filha de Antonio Xavier Gonsalves Chaves, um transmontano de origem e de raça, pois nascera na aldeia de Sarraquinhos, do concelho de Montalegre, n'aquella aspeza semi-selvagem das terras de Barrozo. Foi ali que D. Frei Bartholomeu dos Martyres viu cair de roldão por serro abaixo, umas atrás das outras, as mulas que lhe transportavam a bagagem na sua tão celebre visita pastoral.

Isto é bastante para explicar a viril formosura e as nobres qualidades da mãe de Cordeiro; e porventura tambem alguns factos da vida d'elle, que hei de relatar, os que a sua modestia me não furtar á noticia que estou escrevendo.

Todas as provincias d'este reino teem produzido homens de valor e de valia, em grande copia, mercê de Deus, e difficilmente perdoará o meu querido Cordeiro que eu roube á sua Leiria o que attribuo ás invias e abruptas montanhas de Montalegre; mas, tenha paciencia, que são quasi sempre abençoadas estas transplantações da flora humana, e bem sabe elle que não tem de que envergonhar-se, antes de que honrar-se pela sua origem transmontana; que na provincia de seu avô materno se encontra ainda hoje a nossa Lacedemonia.

A falta de abastança para poderem proporcionar a seus filhos carreira brilhante e digna do talento que desde meninos revelaram, foi destinado Antonio Xavier Cordeiro á carreira do commercio, mas pouco depois, como — estudar — fosse a sua tentação, conseguiu seguir, por mais barato, o curso de pharmacia, em que mostrou as suas distinctas aptidões, concluindo o com distincção. E tanto se avantajava nos seus estudos que um tio rico, José Nicolau Rodrigues Cordeiro, irmão de seu pai, o fez substituir no serviço militar, que estava desempenhando no regimento 7 de infantaria, para lhe proporcionar um curso superior, de que era tão digno. No 1.º de janeiro de 1839 começou a estudar as disciplinas preparatorias, estudo que depressa concluiu, matriculando-se em 1842 na faculdade de direito, onde teve por condiscipulos, entre outros muitos distinctissimos, Casal Ribeiro, Cau da Costa, Midosi, D. Antonio da Costa, Souseas Azevedos, Adolpho Irony; verdadeiras glorias do fóro, da politica e das altas funcções publicas de Portugal. Neste curso de tão levantadas capacidades, Cordeiro ganhou o primeiro premio no primeiro e no segundo anno. Em 1844 morria seu tio, o seu protector, deixando-o herdeiro de metade da sua riqueza. Desde então o poeta sobrepujou o jurista: o estudo universitario affrouxou. Considerado, até á sua formatura, o mesmo distinctissimo talento que sempre fóra, quiz ser mais seu, visto que tinha meios de ser independente, e sacrificou o latim dos seus compendios á harmonia tentadora dos seus poetas favoritos.

Em 1846 rebentou a revolução popular contra o golpe de estado de 6 de outubro, e o neto do transmontano ajudou, em Leiria, onde se encon-

trava quando em Coimbra se formava o batalhão academico, a organização de forças populares, e marchou com ellas para Santarem. Depois da batalha de Torres Vedras saiu de Santarem, com os restos fieis da sua gente e entrou com essas reliquias no Porto, onde serviu, até á convenção de Gramido, como ajudante d'ordens de Cezar de Vasconcellos, que morreu — conde de Torres Novas — e que era, pela Junta, visconde do Carril. Em quanto esteve no Porto escreveu na *Estrella do Norte*, jornal inspirado por Antonio Luiz de Seabra, um dos membros da Junta.

Terminada a guerra em junho de 1847 voltou a Coimbra para completar a sua formatura.

O amenissimo poeta era pois um cidadão, e o cidadão fazia-se voluntariamente soldado nas fileiras do partido liberal. Como os antigos senhores e cavalleiros, levava os seus soldados, montava os seus cavallos e fazia a guerra á sua custa; punha-se ás ordens d'um chefe, seu amigo, seu vizinho, seu apreciador, e lidava em quanto durava a lide: até á convenção de Gramido, que era quasi outra embuscada como essa que a revolução pretendia vingar.

Então, alguma cousa houve de pareença n'este periodo da vida de Rodrigues Cordeiro e aquella noite tempestuosa de 23 de dezembro de 1819? então, a gota de sangue transmontano seria porventura a que lhe ferveu no coração?

D'onde se prova que um arroio pode transformar-se em torrente e um cordeiro n'um leão; e d'onde tambem se prova que um cavalleiro pode trazer na destra uma espada, pendendo-lhe do braço esquerdo, em vez d'um broquel, uma lyra.

— «E sempre os poetas foram homens para a guerra, — dizia n'um jantar do Marquez de Niza um jornalista hespanhol que acompanhava Prim na sua ultima emigração, e que respondia a um brinde do nosso malogrado Sanctos Silva (todos ja são mortos!) — Sempre os poetas foram homens para a guerra; podemos documental-o nós authenticamente, a Hespanha com o seu Cervantes, Portugal com o seu Camões. E eram soldados no tempo em que as pennas eram de ave, quanto mais o não seremos hoje — *que las plumas son de acero?*»

Nunca vi riso mais brando, maneiras mais suaves, esmero mais requintado em vestuario e em apresentação, que os do grande general hespanhol, ainda não duque de Prim porém já Marquez de los Castillejos. Chegava a avermelhar os labios, a amaciá-las faces e a frizar os cabellos, com o requinte d'uma vaidosa. — «Esse esmero que v. nota, me dizia Millan del Bosch, um dos convivas, acompanhava-o aos saraus como ás batalhas.»

Demais Prim era de pequena estatura e estava de casaca. Uma só cousa revelava n'elle o valente general: os olhos, que não acompanhavam nunca o seu constante sorriso.

(Continúa)

Thomaz Ribeiro.



AS NOSSAS GRAVURAS

A EXPEDIÇÃO MILITAR PARA MOÇAMBIQUE

As guerras em Africa continuam a ser a ordem do dia, e ainda mal se tem socegado um ponto das possessões portuguezas, logo outro se insurge e reclama a força das armas para restabelecer a ordem.

Assim, quando mal se tinha apagado a guerra contra os vátuas, já em Timor se ateava a guerra contra os covás, ao mesmo tempo que na Lunda as armas portuguezas tinham que dominar uma sublevação.

Mas na provincia de Moçambique não se dera por terminada a guerra, e depois dos vátuas apparecem os namarraes revoltados contra a soberania portugueza e é Mousinho de Albuquerque que, já governador da provincia, tem que ir á frente das lemitadas forças militares á sua disposição, submeter os rebeldes.

Não foi tão feliz agora como o fóra em Chaimite e teve que procurar, n'uma retirada honrosa e habilmente dirigida, o salvar os seus poucos soldados de uma guerra desproporcionada, em que não havia valor possivel para triumphar do inimigo, assaz numeroso e bem defendido pelas condições naturaes do seu paiz.

Mousinho de Albuquerque, porém, não desistiu

de lhes dar companhia, e para isso, pediu para o reino o envi de forças militares.

E' essa expedição militar, que deve partir no dia 17 do corrente, a bordo do vapor *Zaire*, da Empresa Nacional, que nos occupamos hoje e se compõe das seguintes forças:

Um contingente de marinha composto do 1.º tenente sr. Alberto Coriolano Ferreira da Costa; 2.º tenentes srs. Pizarro, Flavio Moreira da Fonseca, Joaquim de Sousa Birne, respectivos guardas marinhas e 175 praças, sob o commando do 1.º tenente sr. João de Azevedo Coutinho, um heroe d'África.

A 1.ª companhia do 2.º batalhão de infantaria n.º 4, sob o commando do capitão sr. Rodolpho Augusto de Barros e Sousa, tenente sr. João Francisco, alferes srs. José da Conceição Costa e Silva e Antonio Nunes de Andrade, cirurgião sr. Humberto Pinto da Costa Araujo, respectivos sargentos, 184 praças, corneteiros, etc.

Como novidade vão n'esta expedição alguns cães do Alemtejo destinados a auxiliarem as forças militares nas sortidas, alim de denunciarem as embuscadas dos pretos, modo porque elles fazem a guerra.

Uma das nossas gravuras, reproduzida de photographia, representa officiaes expedicionarios com tres dos cães que vão na expedição.

A outra gravura representa um grupo de sargentos da expedição, copiado tambem de uma photographia tirada no quartel da Junqueira.

BULHÃO PATO

O LIVRO DO MONTE

I

Coisa feita para não ser lida — disse dos prefacios não sei quem. Cita-se o dito, e lêem-se os prefacios. E' que ha prefacios e prefacios: ha os que não acabamos de lêr, os que vemos apenas uma vez, e os que relemos. Quem ha, que os conheça, que não tenha quasi decorado aquelles deliciosos prologos de Garrett? Este, que o é tambem, apesar do auctor o não baptisar, este prefacio do *Livro do Monte* é dos que se hão de rler.

No frontispicio da sua obra abriu o poeta esta formosissima porta, lavrada no mais puro e transparente marmore da nossa terra, e enjraldada com os elegantes arabescos da sua pujante e donosa phantasia. Ao defrontarmos com ella, paramos, e sentimo nos alli presos, como em frente das portadas gothicadas das velhas cathedraes, que admiramos á entrada, e á saída tornamos a admirar. Diversa na forma não destoia, concorda em tudo com o interior do monumento; a prosa rivalisa com o verso na força, na viveza do colorido, na correcção do desenho, na largueza e espontaneidade do traço, no alto sentimento esthetico. Poesia sem rimas, mas na mesma lingua e com a mesma superior inspiração!

Aquella arvore que alli vemos, como elle a descreve e pinta, ondeando a copa frondeada, é symbolica: — diz-nos, representa para nós, o livro que por ella entrevemos, e não só o livro, mas a obra toda do poeta, e toda a sua vida. E' uma suggestão. Na sua forma, atravez da sua ramaria, vê elle um mundo phantastico, que já foi realidade, e de que hoje apenas restam no seu espirito recordações e saudades! Felizes ainda os que, chegados ao outono ou ao inverno, podem voltar as costas ao futuro, prolongar os olhos pelos aureos dias da evolada primavera, e evocar as imagens queridas d'então, marcos miliarios da vida, que nos apparecem ao longe, umas com lagrimas, outras com sorrisos, mas para nós todas formosas, todas immortaes!

E' uma georgica como as outras — um primor d'arte, e uma pagina mais a acrescentar ao opulentissimo *Livro d'ouro* dos prosadores portuguezes. Está alli impressa, gravada fundo, a mão nervosa e potente do grande escriptor, do eximio artista, do mestre. Prosa fidalga de raça, não é só meridional, é portugueza, e d'isso se ufana, e com isso triumphá; que não somos nós pobres, que precisemos estender a mão humilde a vaidosos estrangeiros. Faz gosto vel-a aqui, e apascentar nella os olhos: é como um chrysol, que os purifica das impurezas com que os traz enturvados a vista de tantos empestados e feios encurros. E os que, como nós, teem este vicio de amar a sua terra, se se comprazem na leitura dos velhos prosadores e poetas, não sentem menor prazer, quando encontram, mantida e honrada, nos escriptores contemporaneos a grande tradição nacional, e

vêm nelles fiança de que os Sousas, os Vieiras, os Bernardes e os Castilhos, terão successores na alta representação, no grande senado das letras portuguezas.

Como se fez esta poetica e formosa lingua, como cresceu e frondejou, essa historia está escripta e documentada nas suas obras pelos nossos poetas e prosadores. Fez-se na terra, e nos mares, na Europa, na Africa, na Asia e na America; na guerra e na paz, mas, por ventura, mais com aquella do que com esta.

Viril e retumbante, tem a sonoridade das vozes de commando, e sente-se, quando a ouvimos, como o sibillar do vento e das balas, nas procellas e nos combates.

Povo de soldados e marinheiros, não amputa-

influencia d'outra cruz — a de Christo, que ambas empunhámos, com ambas combatemos, e com ambas vencemos.

Esta longa e sinuosa costa — enorme varanda, debruçada sobre o Oceano, que nos fadou navegadores e aventureiros, e este mar que nos cerca, imprimiram á nossa raça — á raça portugueza — o cunho especial, que a distingue; foi como uma tempera, que apertou e concentrou as energias intimas do character nacional.

Vivendo ao lado da Hespanha, podendo estender a mão da nossa terra para a sua terra, não nos confundimos com os hespanhoes. Os extrangeiros, que não nos conhecem, confundem-nos, na sua desdenhosa ignorancia: os que vêm de perto os dois povos, distinguem, percebem as differenças.

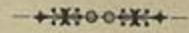
Serenos na paz, furiosos e indomitos na guerra, temos a confiança dos fortes, a melancolia dos

quadras ás terras de Santa Cruz, e alli levantou um novo imperio; e em todas estas emprezas, cada uma das quaes bastaria para a gloria d'uma nação, deixou memoria eterna do heroismo dos seus soldados, da magnanimidade dos seus capitães!

E', pois, n'esta riquissima lingua — manancial tão abundante e generoso, que o não esgotaram todos os que n'ella teem bebido, desde Fernam Lopes até Camillo Castello Branco — que são escriptas as Georgicas e as Lyricas, a que Bulhão Pato, o eminente poeta, colligindo-as, deu o nome de *Livro do Monte*.

(Continúa)

Zacharias d'Aça.



A EXPEDIÇÃO MILITAR PARA MOÇAMBIQUE



OFFICIAES EXPEDICIONARIOS COM OS CÃES ALEMTEJANOS, NO QUARTEL DA JUNQUEIRA

(Copia de uma photographia do sr. J. M. da Silva)

mos as palavras, antes lhes prolongamos o som, como quem tem que fallar no fragor da peleja, contra o vento, de navio para navio, da terra para o mar. Notou-o um grande escriptor — Edgar Quinet — assistindo, nas nossas côrtes, a uma sessão tumultuosa, em que as vozes dos oradores, — vozes de tempestade — troavam como a artilheria dos campos de batalha, d'onde esses tribunos voltavam.

— Vozes roucas de marinheiros! — disse elle.

Se tem a energia e a força, possui tambem a graça, e a harmonia, a suavidade e a brandura da nossa terra, das nossas floridas veigas, das nossas paisagens verdejantes, da nossa vida e dos nossos costumes — épica, altiva e magestosa nos *Luziadas*, amorosa e cheia de amenidade nos poemas de Rodrigues Lobo, rustica, fragueira, e alegre, nos *autos* de Gil Vicente, que a estas assembléas das Musas tambem os campos, os montes, e as serras enviam os seus delegados. E se em alguns traços das suas feições reconhecemos o cunho profundo, a impressão das arestas vivas da cruz da espada, n'outros sente-se a amorosa, a adoravel, a divina

concentrados, a esperanza dos sonhadores. Raça muito original, quando a Europa da Renascença deslumbrada voltou os olhos para a Grecia antiga, iamós nós sulcando os mares caminho do Oriente, e abriamos ao mundo moderno, com o nosso esforço, com as nossas espadas, as portas do futuro! Finda a tarefa, terminada a epopéa, fechamol-a com chave d'oiro — os *Luziadas* — monumento grandioso, e sublime epitaphio das nossas glorias!

A grande obra portugueza na civilização moderna, ninguem a pôde negar — ficou eternizada na historia, glorificada pela poesia! Valeu aqui a pena á espada, que, se assim não fôra, tambem da gloria nos esbulharia a humanidade agradecida.

A lingua em que se narram taes factos é, como elles, immortal, e os seus monumentos, mais duradouros do que o marmore e o bronze, ficarão attestando ás porvindoiras edades os portentosos feitos d'este povo, que, pequeno no territorio, foi grande na terra e nos mares, hasteou o seu pendão e fundou colonias nas terras africanas, descobriu o caminho da India, aprobeu com as suas es-

O NARIZ DO TABELIÃO

POR E. ABOUT

II

MONTARIA A UM GATO

Diz certo philosopho turco :
«Não ha murros apraziveis; os menos apraziveis de todos, porém, são os murros no nariz.

O mesmo pensador, no capitulo immediato, acrescenta, com acerto :

«Espancar um inimigo diante da mulher requestada, é espancal-o duas vezes, offender-lhe, a um tempo, a alma e o corpo.

Eis ahí por que motivo o placido Ayvaz-Bey soltava rugidos de cólera, quando foi acompanhar M.^l Tompain e a mãe da mesma, á casa que elle lhe tinha posto. A' porta, deu a ambas as boas noites, subiu veloz para uma carruagem, que o levou, ainda todo ensanguentado, para casa de Ahmed, seu amigo.

Ahmed dormia, e guardava-o entre-tanto um preto dedicado; mas, com quanto esteja escripto:

«Se vires o teu amigo a dormir não o accordes» — escripto está também: — «Accorda-o, porém, se elle ou tu correr perigo — Accordaram pois o excellente Ahmed. — E' um pedaço de um turco, de seus trinta e cinco annos, alto, magro e muito esguio, com as pernas muito compridas e arqueadas; aliás muito bom homem e moço atilado. — Digam lá o que disserem, nem por isso é muito má gente. Mal tinha posto os olhos no cairão ensanguentado do amigo, mandou logo vir alentada bacia de fresquissima agua, pois que está escripto: «Se estiveres manchado de sangue, não deliberes sem que te laves: aliás teus pensamentos serão torvos, impuros.»

— Com que direito lhe queres cortar o nariz, quando elle a ti o não cortou?

Mas viu-se já, algum dia, mancebo a quem esborrachassem o nariz, em presença da sua amada, ceder a voz da razão? Avvaz exigia sangue e Ahmed prometeu-lh'o — não teve outro remedio.

— Valeu! disse, representamos a nossa terra no estrangeiro; não devemos tragar qualquer affronta, sem mostrar que somos valentes. Mas como queres tu medir-te em duello com messer L'Ambert, segundo as usanças d'este paiz? — Nunca pegaste em florête.

— Qual florête nem meio florête! Hei de lhe cortar o nariz, e para que me servia o florête?

— Se tu ao menos soubesses servir-te d'uma pistola?

casa de messer L'Ambert. A hora não podia ser mais impropria; mas Ayvaz não queria perder um momento só que fosse. Não o queria também o Deus das batalhas; pelo menos, tudo me leva a acreditar-o. No momento em que o primeiro secretario ia puxar pela campainha de messer L'Ambert, deu de rosto com o inimigo em carne e osso, que regressava, a pé, em conversa com duas testemunhas.

Messer L'Ambert viu os barretes vermelhos, complimentou e tomou a palavra com tal ou qual altivez, não de todo destituída de graça.

— Meus senhores, disse aos recém-chegados; visto como sou habitante unico d'este prédio, tudo me leva a crêr que me dispensaram a subida honra de virem ao meu domicilio. Sou messer L'Ambert, consintam que lhes faça as honras da casa

A EXPEDIÇÃO MILITAR PARA MOÇAMBIQUE



GRUPO DE SARGENTOS EXPEDICIONARIOS, NO QUARTEL DA JUNQUEIRA

(Copia de uma photographia do sr. J. M. da Silva)

Ayvaz mais breve se viu lavado, que de todo socegado. Iracund narrou sua aventura. O preto, admittido como terceiro, na confidencia, offereceu-se desde logo para deitar mão ao seu kandjar e ir dar cabo de Mr. L'Ambert. Agradeceu-lhe Ahmed tão boas intenções com um valente ponta pé que pregou com elle pela porta fóra.

— E agora, disse elle para o bom do Ayvaz, que se hade fazer?

— Nada mais simples, respondeu o outro, amanhã pela manhã, corto-lhe o nariz — A pena de Talião está escripta no Koran: «olho por olho, dente por dente... e nariz por nariz!»

Observou lhe Ahmed que o alcorão era, sem duvida, um bom livro, mas já um tanto sedição. De Mahomet para cá, levaram volta os principios em que se funda o ponto de honra. E demais, suppondo que a lei fosse applicada, ao pé da letra, Ayvaz ficaria reduzido a restituir um murro a messer L'Ambert.

— Estás doido! Como hei de eu, com uma pistola, cortar o nariz áquelle insolente?... Nada! Está decidido! Vae tu ter com elle... e tracta d'arranjar tudo para amanhã. Havemos de bater-nos ao sabre!

— Mas desgraçado, que hasde tu fazer com um sabre? Não ponho em duvida o teu animo, mas posso bem dizer-te sem offensa que não és da força do Pons!

— Isso que tem? Ergue-te d'ahi, e vae dizer-lhe que queira ter amanhã ao meu dispôr o seu nariz!

Entendeu o sesudo Ahmet que a logica não levaria a melhor, e que estava a desperdiçar argumentos. De que servia estar a prégear a um mouco, tão agarrado á propria ideia, como o papa o pôde estar ao poder temporal? Vestiu-se, pois, levou consigo o primeiro interprete, por nome Osman-Bey, que recolhia do Circulo Imperial, metteram-se ambos n'um trem e bateram para

Tocou a campainha, empurrou a porta, atravessou o pateo com os quatro visitantes, e levou-os para o escriptorio. Os dois turcos disseram os nomes, o tabellião apresentou-lhes os seus dois amigos, e deixou os dois partidos frente a frente.

Duello algum pôde realizar se, n'este paiz, a não ser por vontade, ou quando menos, pelo accordo de seis pessoas.

Ora, havia cinco que, por forma alguma, desejavam que este se effectuasse. Messer L'Ambert era destemido, não ignorava, porém, que um tal espalhafato, a proposito d'uma dansarinasita da Opera, desacreditaria assaz o seu cartorio. O Marquez de Villemorain, taful encanecido e mais que competente em questões de brios e prosapias, affirmava ser o duello jogo nobre, no qual tudo, desde o começo até ao fim, deve correr com primor. Ora, um murro no nariz, por causa da tal menina Tompain, era a mais ridicula entrada

de jogo que imaginar se pôde. E, ainda mais, asseverava que messer Alfredo L'Ambert não vira Ayvaz, que não formara tenção de o espancar a elle, ou a quem quer que fosse.

Messer L'Ambert afigurara-se-lhe ter reconhecido duas senhoras, e approximara-se rapido, no intuito de as cumprimentar. No acto de levar a mão ao chapéu, batera, sem querer, mas com força, em alguém que corria em sentido opposto. Fôra méro accidente, ou quando muito, movimento desastrado; e nem de movimentos desastrados, nem dos que qualquer faz sem querer, se pôde exigir satisfação. Tanto a educação de messer L'Ambert, como a sua posição social, tolhiam a qualquer suppôr que fosse homem capaz de assentar um murro em Ayvaz-Bey. A sua notoria myopia e a escassa claridade do passadisso, ambas junctas, é que tinham a culpa de tudo.

Messer L'Ambert, emfim, ouvidas as suas testemunhas, promptificava-se a declarar, na presença de Ayvaz, que sentia immenso ter-lhe tocado, aliás por méro acaso.

Um tal raciocínio, assáz justo, no fundo, imprimia certa auctoridade á pessoa do orador Mr. de Villemorain era um fidalgo, dos taes de quem a morte parece ter-se esquecido, e que ficaram cá para recordar as eras remotas a estes nossos tempos degenerados. A certidão d'idade, accusava apenas 79 annos; elle porém, pelos seus habitos quer de espirito quer de corpo, pertencia ao seculo XVI. Pensava, fallava e procedia como homem que servira no exercito da Liga, e armara laços e ratoeiras ao Bearnes Realista, por convicção, catholico austero; apaixonado, quer na amizade, quer no odio — tudo levava ao exagero.

O animo, a lealdade, a rectidão do seu caracter, e até mesmo uma tal ou qual dóse de cavalleiresca imprudencia, grangeavam-lhe a admiração d'essa mocidade, hoje em dia tão inconsequente.

Coisa alguma lograva excitar-lhe o riso; era pouco para brincadeiras e tomava o minimo gracejo á conta de falta de respeito. Era o menos tolerante, o menos amavel, mas tambem o mais honrado entre todos os anciãos. Foi com Carlos X para a Escocia, em seguida aos memoraveis dias da revolução de julho; ao cabo de meio mez, melindrado por ver que a corte de França não tomava a sério o infortunio, sahio de Holy-Rood. Deu a sua demissão, cortou o bigode, para nunca mais, e arrecadou o em um estojo, no qual assentou o seguinte leitreiro: Os meus bigodes de Guarda-Real. Os subordinados todos, quer officiaes, quer soldados, estimavam-n'o quanto possível, mas tinham-lhe um bocado de medo. Segredavam entre si, ao ouvido, que o marquez era homem de antes quebrar que torcer, e mandára para o calabouço o filho unico, galuxo de vinte e dois annos, por causa de um acto de insubordinação. O rapaz, digno filho de tal pae, recusou a pés juntos vir ás boas, adoeceu no carcere e morreu.

O digno emulo de Bruto chorou pelo filho, mandou-lhe erigir tumulo condigno, que passou a visitar regularmente, duas vezes por semana, sem que, com a idade e em temp'o algum, viesse jámais a esquecer-se de cumprir com tal dever. — e creiam que não succumbiu ao peso do remorso. Caminhava sempre muito teso e um tanto empertigado; nem a idade nem os desgostos tinham podido alcachinar aquelles hombros tão largos.

Era um homemzinho, arrastado, forte, fiel a todos os exercicios de rapaz; contava mais com o jogo da péla, do que com as visitas do medico para a conservação de sua optima saude. Aos sessenta annos, desposára em segundas nupcias uma menina, pobre mas de nobre estirpe. Presenteára-o esta com dois filhos, e elle não perdera ainda as esperanças de vir, dentro em pouco, a ser avô.

O apêgo á vida, que, n'aquellas edades, tanto poder tem nos velhos, bem pouco o preocupava, com quanto fosse um dos felizes d'este mundo. A ultima sarrafusca, tivera-a aos setenta e dois annos, com um coronel assáz guapo, pimpão que media seis pés e seis polegadas: obra de politica, diziam uns, de ciúme conjugal, pretendiam outros. Ora, quando um homem de gerarchia e com semelhante caracter se punha a quebrar lanças por messer L'Ambert, quando declarava que o duello entre o tabellião e o turco Ayvaz era coisa escusada de todo, assáz compromettedora e propria de gente de meia tigela, a paz portanto, era como se já estivesse assignada.

Foi este o parecer de Mr. Henrique Steinberg, que já nem estava em idade nem era curioso a ponto de desejar, a todo o preço, o espectáculo d'um desafio; e os dois turcos, homens de tino,

chegaram até a aceitar a reparação proposta.

Pediram, comtudo, para conferenciar com Ayvaz, e o inimigo esperou-os a pé firme, em quanto iam n'um pulo á embaixada.

Eram quatro horas da manhã; o marquez, porém, já não dormia senão por descargo de consciencia, e tomára a peito que se chegasse a alguma conclusão antes de se metter na cama.

O terrivel Ayvaz, comtudo, logo ás primeiras palavras de conciliação que os amigos tentavam levar-o a escutar, desandou n'uma colera de turco.

— Acham então que estou doido? vociferou, brandindo o seu *chibuk* de jasmineiro, que lhe servia de companhia. Querem então obrigar-me a engulir que fui eu que atirei uma narigada ao punho de mestre L'Ambert? — Bateu-me, e a prova, é que se promptifica a apresentar-me desculpas. Mas, a que vem palavras, quando ha sangue derramado? Posso lá esquecer-me que a Victorina e mais a mãe foram testemunhas d'aquelle vergonhaço? — Nada! meus amigos, se hoje mesmo não cortar o nariz ao homem que me offendeu, só me resta morrer!

Com boa vontade ou sem ella, tiveram de encabeçar de novo as negociações, assentes, como vêem, em base um tanto ridicula. Tanto Ahmed como o lingua tinham juizo, e censuravam o amigo; era, porém, cavalheiresco demais seu animo para que o abandonassem a meio caminho. Se calha estar em Paris o embaixador, Hamza-Pacha, teria este, sem duvida, suspendido o negocio mediante qualquer golpe de authoridade. Infelizmente, accumulava as embaixadas de França e d'Inglaterra, e estava em Londres. As testemunhas do bom do Ayvaz andaram para cá e para lá, qual laçadeira em tear, entre a rua de Verneuil e a de Grenelle, sem que as coisas adiantassem sensivelmente.

As sete horas, messer L'Ambert perdeu a paciencia e disse para as suas testemunhas:

— Este turco é um massador! Não lhe basta ainda ter me empalmado a pécora da Tompain, o figurão acha divertido obrigar-me a passar a noite em claro. Está dito! Vamos a isso! O sujeito afinal é capaz de acreditar que tenho medo, que receio medir-me com elle! Mas aviem-se, façam favor, e fique o negocio arrumado esta manhã. Vou dar ordem para que tenham prompta a carruagem d'aqui a dez minutos, e depois vamos ahi até duas leguas de Paris; dou uma ensinadella ao meu turco, n'um volver de mão, e volto ao cartorio, sem dar tempo a que os jornaleros da má lingua farejem, sequer, a nossa historia.

Tentou ainda o marquez uma ou outra objecção; acabou, porém, por confessar que messer L'Ambert estava coacto. A teimosia de Ayvaz era de pessimo gosto e estava a pedir lição mestra. Ninguém punha em duvida que o bellico tabellião, tão bem conceituado nas salas d'armas, fosse o professor eleito pelo destino alim de ensinar ao tal osmanli, a boa cortezia franceza.

— Meu rico amigo, dizia o provector marquez, batendo no hombro ao seu cliente, a nossa posição é optima, pois que conseguimos chamar á nossa parte a boa razão. — O resto, á conta de Deus! O caso não apresenta duvidas; o senhor tem a mão leve e as fêbras todas no seu lugar. Lembre-se d'isto que lhe digo: não cáia em atirar, a fundo; olhe que o duello foi inventado para ensinar tôlos e não para os espatifar. Os desastrados é que, a pretexto de ensinar aos contrarios as regras do bom viver, cáem na asneira de irem dando cabo d'elles.

Competia por direito ao nosso Ayvaz escolher as armas; o tabellião, porém, e as suas testemunhas, fizeram carêta assáz feia quando viram que, optava pelo sabre.

— E' arma de soldado, disse o marquez, ou arma de burguez que não quer brigar. — Vá lá! pois seja o sabre, visto que fazem empenho.

Accudiram as testemunhas d'Ayvaz que tinham muito empenho. Arranjaram se dois chanfalhos, ou meios espadões do quartel do caes d'Orsay, e aprazou-se o encontro para as dez horas, na aldeola de Parthenay, antiga estrada de Sceaux. Eram oito horas e meia.

Não haverá em Paris bicho carêta que não conheça esse lindo grupo d'umas duzentas casas, cujos moradores são mais abastados, limpos e instruidos que os nossos aldeãos todos em geral. Amanham a terra mais como jardineiros do que como lavradores, e o logradouro do lugar, quando volta a primavera, lembra um paraizo terreal em escala minima. Um campo plantado de morangos

em flôr, prolonga-se, qual lençol de prata, e permeia entre outros dois, o primeiro, plantado de groselhas, o segundo de framboezas; geiras e geiras exhalando o perfume acre da groselheira preta, tão grato ao olfacto das porteiras. Paris paga em bons luizes de ouro toda a colheita de Parthenay, e esses abençoados campônios que ali vêdes, andando a passo de boi com um regador em cada mão, são uns capitalistas em ponto pequeno.

Enfôrnam duas vezes cada dia, — fazem cara á panella caseira, e tratam-se a gallinha no espêto. Costeiam entre si o mestre-escola, tem medico de partido, ergueram, sem se valerem de emprestimos, igreja e paços do conselho, e votam no doutor Veron, meu atilado amigo, quando é pelas eleições do corpo legislativo. E se a memoria me não falha, tem filhas bem bonitas. O erudito archeologo Cubaudet, archivista da sub-prefeitura de Sceaux, affirma que Parthenay é colonia grega e que o nome provém de Parthênos, virgem ou menina (o que entre os povos bem creados, vem a dizer a mesma coisa). Esta discussão, porém, affastar-nos-hia do nosso Ayvaz.

Foi o primeiro a apparecer no lugar aprazado, e todo colerico ainda, já se vê. A' espera do inimigo, dava cada pernada, para cá e para lá, pela praça da aldeola fóra! Trazia debaixo da capa dois yatagans formidaveis, boas fôlhas de Damasco. — De Damasco, digo eu? — Duas laminas japonezas, das taes que cerceam uma barra como quem corta um espargo, comtanto que ao cabo sirva de remate um pulso rijo. Ahmed Bey e o fiel interprete, seguiam atraz do amigo, e davam conselhos sensatos; que atacasse com prudencia, que se descobrisse o menos que podesse, que investisse aos pulos; em summa, tudo quanto pôde dizer-se ao novato que sae pela vez primeira a terreiro sem a minima instrucção prévia.

— Obrigado pelos conselhos, retorquiu o cabeçudo, nem tanta cerimonia é precisa para cortar o nariz a um tabellião!

Em breve, comtudo, assomava, entre os vidros de dois oculos, ao postigo d'um trem particular, o objecto da sua vingança.

Messer L'Ambert, porém, não se apeou: restringiu-se a cumprimental-o. O marquez desceu do trem e veiu dizer para o avantajado Ahmed-Bey:

— Sei d'um terreno bem bom, d'aqui lá são uns vinte minutos; queira pois entrar outra vez para a carruagem mais os seus amigos, e venham atraz de mim.

Tomaram os belligerantes por um atalho e fôram apear-se a um kilometro das habitações.

— Meus senhores, disse o marquez, podemos ir a pé d'aqui até áquella deveza que acolá está em baixo. Os cocheiros que esperem aqui. Ninguém se lembrou de trazer consigo um cirurgião; mas o laçao que eu deixei em Parthenay não tarda ahi com o medico cá da aldeia.

O cocheiro do turco é um d'esses maráus parisienses que rodam depois da meia noite, com numeros de contrabando. Ayvaz tomára-o á porta da menina Tompain, e veiu no trem d'elle a Parthenay. — Aquelle rata de rabo pelado riu-se com malicia, assim que viu que o mandavam parar n'um descampado e lobrigou os sabres debaixo dos capotes.

— Boa sina! patrão! disse para o bravo Ayvaz. Deixe lá! não ha de haver novidade! tenho sorte! acredite — e olhe que inda chega para os fregetes! Não ha ainda um anno, levei eu um, que lá deixou o outro gajo estendido! — Lambi-me com vinte e cinco francos de gorgeta, tão certo como eu ter na mão este pingalim.

— Apanhas cincoenta, accudiu Ayvaz, se Deus permittir que eu me vingue á minha vontade.

Messer L'Ambert era de respeito! Tão reputado, porém, nas salas de esgrima que nunca encontrára ensejo de brigar.

Em quanto, porém, a pëndencias sérias, era tão pechote como o proprio Ayvaz; tambem, apesar de ter vencido em assaltos mestres d'armas e prebostes de varios regimentos de cavallaria, experimentava agora trepidação surda, que, comquanto não fosse medo, produzia effeitos analogos. A sua palestra no trem fóra brilhante; patenteára ás testemunhas jovialidade sincera e, comtudo, um tanto febril. Queimára pelo caminho tres ou quatro charutos, a pretexto de os fumar. Quando todos se apearam, caminhou com passo firme, firme de mais talvez. No fundo de alma, estava tomado de tal ou qual apprehensão, assáz viril mas muito franceza: não confiava no proprio systema nervoso e receiava de não parecer que era valente. Dir-se-hia que as faculdades d'alma redobram nos momentos criticos da vida. Assim pois, messer L'Ambert estava, sem duvida alguma, preocupado com o dramasiño em que ia prestes representar o seu papel, e

contudo, os objectos mais somenos do mundo externo, aquelles que em tempo ordinario menos o teriam interessado, attrahiam-lhe a attenção de demorada n'este momento e com poder irresistivel.

A natureza, a seus olhos, apparecia como que illuminada por luz inteiramente nova, mais nitida, mais brilhante, incisiva e crua do que a luz banal do sol. A preocupação que o dominava, sublinhava, por assim dizer, tudo em que vinha incidir o seu olhar. N'uma volta da azinhaga, lobrigou um gato que caminhava a passo curto por entre dois renques de groselheiras. — Era um gato como nas aldeias se encontram a cada passo: escanzelado e muito comprido, de pelo branco mosqueado de ruivo, um d'esses animaes meio bravos que o dono generoso sustenta á custa dos ratos todos que o destro bichano consegue filar. O bicho teria suas razões para pensar que a casa não era lá muito farta, e ia bater matto com o fito em melhorar a ração. Os olhos de messer L'Ambert que tinham até ali divagado ao accaso, sentiram-se attrahidos e como que fascinados pela carantonha do sobredito gato. Observou-o attento, admirou-lhe a flexibilidade dos musculos, o molde vigoroso das mandibulas, e cuidou ter feito descoberta digna de qualquer naturalista, quando notou que o gato é um tigre em miniatura.

— Para onde demonio está a olhar? perguntou o marquez, batendo-lhe no hombro.

Cahiú em si, de repente, o tabellião, e respondeu em tom mui desassombrado:

— Por causa d'esta peste d'este bicho, estava agora distraído. Não faz ideia, senhor marquez, do estrago que estes patifes fazem na caça. Comem muito mais em ninhadas que nós matamos em perdizes. Anda lá! que se eu tivesse á mão a espingarda!

E, juntando o gesto á palavra, com o dedo á laia de pistola, armou pontaria á alimária. O gato pescou a intenção, armou um salto de recuo e sumiu-se.

Tornou a apparecer ao longe — obra de duzentos passos. — Cofliava as guias do bigode, repimpado em meio d'um canteiro de couves tronchudas, com ar de quem estava á espera dos nossos parisienses.

— Olá! tu vens atraz de nós? perguntou-lhe o tabellião repetindo a acção de ameaça.

O prudentissimo bicho de novo se esgueirou; tornou, porém, a apparecer á entrada da chapada, em que ia effectuar-se o desafio. Messer L'Ambert, supersticioso como todo o bom jogador quando arrisca lance gordo, quiz sacudir d'ali aquelle feitiço malfico. Atirou-lhe uma pedra mas não lhe acertou. O gato marinhou pelo tronco de uma arvore e ali ficou sem tugar nem mugir.

As testemunhas tinham já escolhido o terreno e tirado os lugares, á sorte. Coube o melhor a messer L'Ambert. Quiz tambem a sorte que fossem preferidas as armas d'elle e não as cimettarras japonezas, com as quaes se não ageitaria, talvez.

Ayvaz nada lhe mettia medo. Qualquer espada lhe servia. Fitava o nariz de seu contrario, qual pescador fitando formosa truta suspensa do seu anzol. Despiu-se, conservando apenas o indispensavel, atirou para cima da érva o carapuço vermelho e a sobrecasaca verde e arregaçou as mangas da camisa até ao cotovello. O que nos leva a crer que o tinir das armas tem o privilegio de despertar os turcos os mais dorminhócos. O nutrido rapazote, cuja physionomia, se alguma expressão revelava, era a expressão paternal, parecia transfigurado! O rosto dir-se-hia subitamente illuminado, os olhos expediam chispas.

Arrancou uma espada das mãos do marquez, recuou dois passos e, em lingua turca, entoou um poetico improviso, que o seu amigo Osman-Bey houve por bem conservar-nos, facultando-nos a traducção:

— Eis-me armado para a peleja: mal haja o *giaur* que me offendeu. O sangue pede sangue. Ousaste assentar em mim a tua mão — assentarte-hei a minha espada. — Teu carão mutilado provocará o riso ás mulheres formosas: Schlosser, Mercier, Tibert, Saville, quando te virem, desdenhosos, voltarão a cara para o lado. Mafo-ma me dê força, que animo não o peço a ninguem. — Hurrah! Estou armado para a peleja!

Disse, e arremessou-se contra seu adversario. Se o atacou de terça ou de quarta, isso não sei, nem elle tambem, nem mesmo as testemunhas, nem até o proprio messer L'Ambert. O certo é que sobre, a ponta da espada, jorrou logo um rio de sangue; cahiram ao chão uns oculos e o tabellião sentiu a cabeça alliviada pela frente do péso todo do nariz. Havia ainda uns restositos, era porém tão pouca coisa, que se o digo é para memoria.

Messer L'Ambert deixou-se cahir de costas e ergueu-se outra vez quasi de chofre, de cabeça baixa, deitou a correr, como cego ou como louco. No mesmo instante, cahia entre a rama de uma carvalheira um corpo opáco. — D'ali a um minuto, eis que apparece um homemsinho franzino, com o chapéu na mão, e atraz d'elle um criado de libré. Era o senhor Triquet, facultativo da communa de Parthenay.

(Continúa).

Pim-Sél.

ALEMTEJO

Ao Conde de Valenças.

Quasi por toda a parte o Alemtejo é bravo!
Ribeiras torrencias no inverno; mas no estio,
Na zina do calor, de balde o forasteiro
Procura fonte fria, ou limpido ribeiro!

Não se encontra a aldeota, o alegre casalinho,
Como na Beira alpestre, ou no viçoso Minho.

Solitarias vereis as villas, as cidades;
Praças, que tanta vez, em remotas edades,
Com a torre altaneira, e vetustas muralhas,
Regorgitaram sangue, em centos de batalhas!

Ao parco lavrador dão-lhe um ar montanhez,
O baculo, os ceifões, o seu chapéu braguez.

Estatura mediana, adusto, e decidido,
Como homem que, da infancia, em brenhas tem
vividio;

Porém dentro de casa, e sem ser abastado,
A mesa é sempre farta, e o lar aconchegado:

Que o trigo ondeia em maio, e a glande do so-
breiro.
Cae, refartando o cerdo, ao sopro de janeiro!

Nas casas principaes, ninguem lhe dá de rosto,
Ao franco alemtejano, em bizzarria e gosto!

O pobre guardador tem horas pavorosas,
Aos austros repellões das noites tormentosas!

Só, no campo deserto, as levadas rugindo,
E o secular montado ás ondas rebramindo!

*
* *

Para um bom caçador, n'aquelles mattagaeas,
É que, em tempo propicio, os dias são reaes!

Sobre tudo no inverno. As bandas de trocazes,
Escurecem o sol, ruidosas e vorazes!

Acudindo á negaça é que é vel-os cair!
Nem destro atirador terá mãos a medir!...

No enroupado azinhal, a flux, as gallinholas;
Pelos regos das chans, as pintadas t'rambólas.

Apesar da traição de laços e abuizes,
Nos soutos e estevaes abundam as perdizes!

O veado saltão tambem não falta alli;
Na gandara, amanchado, o crespo javali!

Aos coelhos, isso então, os podengos espertos,
Atroam, maticando, os barrocaes desertos!

Depois de uma batida é que appetee o monte;
Cortemos para lá, que o sol vae no horizonte.

*
* *

Monte antigo, a campear, nas herdades de Castro:
A plena luz do dia, o caio é de alabastro!

Ladrilhada a cozinha; um brinco a cantareira;
Para os tóros de azinho, esplendida a lareira!

A baixella vulgar, suspensa das paredes,
Oiro e prata a julgaes, quando da entrada a vêdes!

Não refulge o salão das vivendas mais ledas,
Como aquella cozinha á luz das labaredas!

Dois amigos!... Palrar, enquanto as carambinas
Vão caíndo, ao gear das noites crystalinas!

Fica na raia o monte. Em o sino vibrando,
Do pincar da torre, o som, embora brando,
Dá rebate em Hespanha. Alegre lhe annuncia
A boda, o baptisado, a feira, a romaria!

E, emfim, tambem lhe diz que á sombra do cy-
preste
Se pode descançar no cemiterio agreste!...

Voz sonora do bronze, amiga companheira,
Que nos segues do berço á valla derradeira!

Junho, 96.

Bulhão Pato.

E DADE MEDIA

A D. João da Camara.

Primavera — ceu limpo, sol ponente,
A viração subtil —
Alento virginal
D'uma tarde de abril!

Nem um rumor!... O par adolescente,
No primeiro arraiar da adolescencia—
Alvorada do amor, inda inconsciente—
Pela primeira vez
Sobe, em silencio, o monte, e lentamente!

Corre, ás soltas, nos picos da eminencia,
A cabrada montez
Em cata da malhada!

Não lhe tem mão ninguem...
A pastora, calada. Elle tambem
Os novillos brincões deixou fugir!...
E lá vão, na assomada,
A pular, e a mugir!

*
* *

Nos dois zagaes, que singular mudez!...
O dia morre... E sombras todo o val

Param ambos, no cimo da collina.
Como os fñunda a tinta crystallina
Do romper matinal?...

Vendo a aurora do amor n'elles agora,
O sol posto, n'um raio triumphal,
Deu-lhes um beijo, anticipando a aurora!

Março, 96.

Bulhão Pato.

O OLMEIRO

A Zacharias d'Aça.

O machado fatal já lhe truncara
O collo aos companheiros;
Porém elle ficara,
Por ser o mais umbroso dos olmeiros!

Campeava só, no cimo da chapada,
Quando uma tarde, em maio,
Vindo a correr da serra a trovoadá,
O assombrou com um raio!

Foi-se-lhe ao chão a rumorosa fronte!
Não podendo abrigar o caminhante,
Ninguém fazia caso do gigante,
Solitário no monte!...

Chegando a primavera,
Pelo tronco, desnudo,
Entraram-lhe a trepar as folhas d'hera!

O solícito amor previne tudo!
Agora podem vir gelos de inverno,
Que elle aos hombros já tem, soberbo e eterno,
Um manto de velludo!

Junho, 96.

Bulhão Pato.

NECROLOGIA

DAVID CORAZZI

Entre os homens de mais iniciativa em o nosso paiz, — poucos são elles valha a verdade — contava-se certamente David Corazzi, o grande editor, que durante dois lustros animou extraordinariamente o pequeno mercado litterario de Portugal, editando grande numero de livros, na maior parte traducções de romances de sensação com que popularisou a sua empreza das *Horas Romanticas*.

Horas Romanticas! Como este nome teve tanta voga por um bom par d'annos e com elle o de David Corazzi, impresso em milhares de prospectos que se espalhavam por todo o paiz e pelo Brazil, annunciando e pedindo assignaturas para uma serie ininterrupta de publicações successivas, que se accumulavam desde as bibliothecas dos ricos até a modesta casa do pobre, onde talvez, o activo editor recrutava o maior numero de leitores para as suas edições.

Eram os romances ás entregas semanais por 50 réis, que davam melhor colheita. Depois vieram as obras de Julio Verne, e os leitores augmentaram prodigiosamente. A *Bibliotheca do Povo e das Escolas*, uma encyclopedia repartida por voluminhos a 50 réis, que teve um exito extraordinario, dirigida pelo nosso bom amigo Xavier da Cunha. Os *Diccionarios do Povo* dirigidos por Ferreira Lobo e o *Diccionario de Geographia Universal* dirigidos por Tito de Carvalho, amigos que muito presamos. As obras de Mayne Reid. A *Bibliotheca Infantil*; A *Europa Pittoresca*; As *Fabulas de Lafontaine*; o *Gil Blas de Santillana*; o *Inferno* do Dante; A *Vida das Flores*, e outras de que não nos recordamos n'este momento, com que David Corazzi foi transplantando para o nosso mercado de livros muitas das principaes e grandes edições estrangeiras. Um movimento espantoso de livraria realisado nos annos de 1875 a 1884.

Todo este movimento realisou-o David Corazzi com um trabalho constante, coadjuvado por alguns amigos que o rodeavam, entre os quaes nos lembram Ramiro Seixas, Cunha e Sá, Mantas, Manoel de Macedo, João Dantas, José de Mello e quem escreve estas linhas como o mais somenos dos que o auxiliaram no desenvolvimento da sua empreza, nascida n'uma pequena casa da antiga rua dos Calefates, hoje rua do Diario de Noticias, não esquecendo o velho Thiago, que foi quem ajudou a bem nascer a modesta bibliotheca romantica, que pouco depois se convertia nas *Horas Romanticas*. Sim o velho Thiago foram as pernas de todo aquelle movimento.

As *Horas Romanticas* foram substituidas pela Companhia Nacional Editora, mas o Thiago é que ninguem o substituiu; continuou sempre no seu posto, um tanto triste com a mudança de nome das suas *Horas Romanticas* e mais triste ainda des-

de que a doença impossibilitara David Corazzi, o seu querido e antigo patrão, de tomar parte activa na direcção da empreza.

Como estará elle agora!

Não se limitou David Corazzi a explorar o mercado interno de livros, mas alongou as suas vistas pelo Brazil onde fundou, no Rio de Janeiro uma succursal das *Horas Romanticas*, tendo á frente d'essa succursal o seu amigo José de Mello, que para ali foi dirigil-a.

Os resultados d'esta succursal foram, durante certo tempo, magnificos e permittiram o largo desenvolvimento que as *Horas Romanticas* atingiu, até que, em 1884, David Corazzi passou a sua empreza a um syndicato que a tomou por duzentos contos de réis juntamete com as officinas lithographicas de Justino Guedes, e se formou então a actual Companhia Nacional Editora.

Foi tambem por este tempo que David Corazzi principiou a soffrer mais dos resultados de uma pneumonia que annos antes o tivera ás portas da morte, em Paris.

Procurando climas mais temperados viajou pela Italia onde se demorou algum tempo, conseguin-



DAVID CORAZZI

FALLECIDO EM 28 DE NOVEMBRO DE 1896

do melhorar, mas novas enfermidades o accometteram, e pôde-se dizer que desde então até que morreu nunca mais teve saude.

David Corazzi nasceu em Lisboa a 4 de julho de 1845, filho de David Antonio Caetano Corazzi, medico distincto, auctor do livro *Novo consultor Medico-Cirurgico*.

Aos 15 annos de idade ficou orphão de pae e com um pequeno patrimonio de que aos 27 annos só lhe restava a propriedade do citado livro de seu pae.

Foi essa propriedade, que elle então vendeu por 70000 e que constituiu o capital com que principiou a sua empreza editora, no meio dos seus amigos e collegas do correio, onde David Corazzi era empregado.

O primeiro livro que editou foi uma traducção *Os Cavalleiros da Noite*, ás folhas, que o seu velho criado Thiago dobrava e distribuia pelos poucos assignantes com dedicacão de quem se interessava pelo bom resultado da empreza. Entretanto a colheita não foi grande n'esta tentativa nem na segunda, *Os herdeiros falsos*.

Corazzi, porém, não desanimou e a publicacão do *Rei Maldito*, que se seguiu, foi a que operou o milagre e as *Horas Romanticas* surgiram d'estas primeiras tentativas.

Foi preciso muito trabalho e muito tino para

levar a sua empreza ao estado florescente em que todos a conhecemos — as *Horas Romanticas* — e essa é a maior gloria do extincto editor, cuja perda todos lamentamos porque todos eramos seus amigos.

Caetano Alberto.



Recebemos e agradecemos:

Livro do Monte — *Georgicas* — *Lyricas* — por Bulhão Pato. Lisboa, typographia da Academia. 1896. Um volume de 264 pag. in-8º incluindo indice e erratas, precedido de 7 pag. de prefacio. No principio do livro diz o auctor: «O Livro do Monte será provavelmente, o meu ultimo livro de versos. Foram vividas e sentidas todas estas composições, talvez por isso possam ter algum valor.» Permitta o autor que não acreditemos que seja este o seu ultimo livro de versos, porque quem tem ainda uma inspiração tão viva e tão sentida, seria imperdoavel depôr a lyra e quedar-se na inactividade dos que já não podem. No nosso mundo litterario já ha muito que não apparecia um livro de versos como estes de Bulhão Pato, e n'esta sincera apreciação encontramos com a boa acolhida que a critica, em geral, tem feito ao *Livro do Monte*.

N'este n.º do OCCIDENTE encontrarão os leitores um artigo do nosso querido collega Zacharias d'Aça em que se faz larga apreciação do *Livro do Monte*, por isso n'este logar só nos cumpre dar noticia do seu apparecimento e agradecer ao auctor a extrema amabilidade da dedicacão com que nos mandou o seu livro. Não terminaremos, porém, sem lhe pedir venia para transcrever as poesias, *Alemtejo*, *Edade Media*, e *O Olmeiro* que além de serem das melhores, se é possivel haver escolha, são dedicadas a amigos queridos e collaboradores do OCCIDENTE, srs. conde de Valenças, D. João da Camara e Zacharias d'Aça.

A *Viagem da India*, poemeto em dois cantos por Fernandes Costa. Lisboa Imprensa Nacional — 1896.

Com uma amabilissima dedicacão, recebemos este encantador poema patriótico, inspirada composição do distincto poeta sr. Fernandes Costa, que mais accrescentou a justa fama do seu nome.

No numero passado, prestou o nosso chronista a devida homenagem ao poemeto referido, e pela sua opinião auctorizada e pelos es-

cerptos então publicados avaliarão os leitores bem do valor da formosa *Viagem da India*, cuja leitura por delectosa aconselhamos vivamente.

ALMANACH ILLUSTRADO DO «OCCIDENTE»

Para 1897

Está publicado este interessante annuario, contendo alem do calendario e de todas as tabellas do costume, um largo extracto da *Campanha d'Africa contada por um sargento*, com muitas gravuras de retratos e combates.

Publica tambem um resumo da *Nova Sciencia de Curar pelo Methodo Kuhne* com receitas da cosinha vegetariana, etc.

Uma linda capa em côres representando a *Prição do Gungunhana* por Mousinho de Albuquerque.

PREÇO 200 RÉIS, PELO CORREIO 220 RÉIS

Cartonado 300 réis pelo correio 320 réis

Recebem-se encomendas na

EMPRESA DO OCCIDENTE

Largo do Poço Novo — Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 a 39